

Uma visão da primeira fila: a história da moda em fotografia



Uma modelo veste uma peça do estilista britânico Bill Gaytten para a coleção de primavera-verão 2012 da John Galliano Fashion House Foto: Francois Mori / AP

A dada altura, fotógrafos eram proibidos nos desfiles de moda, suspeitos de serem espiões. Hoje, os desfiles de moda são um negócio global de milhões. Revisitamos a sua evolução, de salões secretos à era do Instagram.

por Tamsin Blanchard

Produção: Matt Fidler e Joanna Ruck

15 de Fevereiro, 2018

Consultado em: <https://www.theguardian.com/fashion/2018/feb/15/the-view-from-the-front-row-a-history-of-the-fashion-show-photo-essay>

A história da moda

O Grande Início.....	3
Nova Iorque, Nova Iorque	5
Novo começo	6
Novo visual, novas regras.....	7
A ascensão da Itália	8
Novo modelo.....	9
Início do desfile moderno	12
Renascimento da Europa	13
A era das supermodelos e da profissionalização	16
Localização, localização, localização	17
Da internet ao Instagram	19
Moda Insta(ntânea).....	21
A primeira fila.....	22

A maioria dos desfiles de moda dura menos de 10 minutos, mas têm a capacidade de mover a audiência para um outro mundo. Vive-se uma grande intensidade, uma destilação da visão extraordinária de um designer.

Contudo, era tudo muito mais humilde. Os desfiles íntimos da Chanel na década de 50 não têm comparação com o supermercado cheio de Karl Lagerfeld no vasto Grand Palais em 2014. A principal mudança é a escala - juntamente com a localização, a produção e o orçamento. Dos dramas históricos de John Galliano na Christian Dior, às impossibilidades teatrais de Hussein Chalayan e às maravilhas góticas e de parar o coração de Alexander McQueen, mostram-nos como o desfile de moda evoluiu de discreto para universal.

O Grande Início

Na década de 60 do século XIX, o designer parisiense Charles Frederick Worth, o "pai da alta costura", introduziu a ideia de apresentar coleções em modelos ao vivo. Como outros colegas da época, lançou suas coleções no Hipódromo de Longchamp. Embora não fosse um desfile de moda, certamente era uma boa forma de publicidade.



Upper Deck Show: Um desfile de moda realizado a bordo do navio Cunard Franconia durante a Semana Cívica de Liverpool

No início do século 20 surgiu a divulgação dos "desfiles de moda". Em Londres, a principal estilista britânica da época Lady Duff-Gordon, exibia regularmente as suas coleções no seu salão de Hanover Street, criando nomes românticos para as modelos de modo a tornarem-se mais exóticos. Em Paris, o designer Paul Poiret organizava bailes de fantasia onde as mulheres podiam-se vestir inspiradas no oriental. Ele também visitava teatros e lojas na Europa com manequins. Em Nova York, a cadeia Ehrich Brothers começou a apresentar seus próprios desfiles na loja. Outros, incluindo Wanamaker's em Philadelphia, seguiram o exemplo dos anos de 1910 a 20.



Homens de fato preto e mulheres em longos vestidos assistem a uma apresentação em 1925, Nova York.

A década de 1920, foi a era dourada da alta costura em Paris, principalmente com o domínio de mulheres poderosas como Gabrielle Coco Chanel, Madeleine Vionnet, rainha do *bias cut*, e Elsa Schiaparelli.



A estilista Elsa Schiaparelli vestindo uma modelo em Paris.
Foto: Bettmann Archive

Durante a Grande Depressão, os designers começaram a vender padrões para serem feitos em casa, à medida que os rendimentos diminuam. Mas, de alguma forma, a alta costura continuou a florescer. Em 1931, Elsa Schiaparelli exibiu uma coleção na passarela da Saks em Nova York. Os fotógrafos não podiam atender à cerimônia, para impedir que os desenhos fossem copiados.

Nova Iorque, Nova Iorque

Em 1943, surgiu o que ficaria conhecida como a semana de moda de Nova York: através da "Press Week", a marketeer de moda Eleanor Lambert organizou desfiles no Pierre Hotel e no Plaza. Até então, a moda americana era dominada por estilistas europeus. Mas com a incapacidade da imprensa americana viajar para a Europa durante a guerra, tornou-se uma oportunidade para promover talentos locais, incluindo o pioneiro minimalista Norman Norell.



Norman Norell, o brilhante designer nascido em Indiana, exibe duas criações no Metropolitan Museum of Art em 1943.

Foto: New York Daily News Archive/Getty Images



Um vestido de jantar, criado por Jo Copeland para o Pattullo Modes, exibido em Nova York para coleção de outono / inverno de 1943.

Foto: Bettmann/Bettmann Archive

Os desfiles de Nova York continuam desde então, interrompidos apenas pelos ataques de 11 de Setembro, que se deram no primeiro dia da semana de moda de Nova York

Novo começo



Cena de ópera em miniatura de Christian Berard, do Theatre de la Mode.
Foto: Horst P. Horst/Condé Nast via Getty Images

Depois de a Guerra terminar em 1945, a indústria da moda francesa precisava de se reerguer. O filho da costureira Nina Ricci, Robert, decidiu convidar designers a criarem versões em miniatura de seus designs, como forma de mostrar o seu potencial sem desperdiçar recursos valiosos. Ficou conhecido como Le Petit Théâtre de la Mode , ou o teatro de moda em miniatura.

A 28 de Março de 1945, 200 manequins, com um terço do tamanho humano, ostentavam peças de costura de nomes como Balenciaga e Jeanne Lanvin. Foram exibidos no Louvre antes de um tour pela Europa. No ano seguinte, com um novo conjunto de roupas imaculadamente feitas, os manequins foram exibidos na América. Era uma espécie de desfile de moda, uma solução pragmática em época de recursos limitados.

Novo visual, novas regras



O estilista Christian Dior - criador do 'New Look' e da 'A-line' - com seis modelos depois de um desfile no Savoy Hotel, em Londres.

Antes da guerra, os desfiles de alta costura eram em pequenos espaços, geralmente no local de trabalho do designer, vendiam diretamente ao cliente, que regressava para uma série de ajustes durante um período de cerca de seis semanas. Nesta altura, antes da passerelle, o foco estava no cliente e não na publicidade. Não eram permitidos fotógrafos.



Uma modelo com um fato de Christian Dior em 1940.

Foto: REX/Shutterstock



Modelo Barbara Goalen com um vestido de gala da Dior em 1947.

Foto: Keystone/Getty Images

Em 1947, Christian Dior foi um dos primeiros designers a permitir que fotógrafos documentassem sua primeira coleção, que Carmel Snow, editor do Harper's Bazaar, apelidou de "The New Look".

A ascensão da Itália



Desfile de moda de Giovanni Battista Giorgini na Sala Bianca di Palazzo em Florença
Foto: Palazzo Pitti/Heritage Image Collection/Alamy Stock Photo

Os desfiles italianos começaram em Florença no início dos anos 50, com casas de alta costura de Roma, Turim, Milão e Capri - incluindo Simonetta Visconti, Schuberth e Emilio Pucci – exibiam as coleções na grandiosa Sala Bianca.



Modelos desfilam à noite num desfile de moda em Florença, Itália, 1951.
Foto: Hulton Deutsch/Corbis via Getty Images

Fundados por Giovanni Battista Giorgini, os desfiles eram uma tentativa de competir com Paris e reconstruir os ateliês de têxteis, moda e artesanato italiano pós-guerra. Eram promovidos como uma paragem para os editores americanos no regresso dos desfiles em Paris, quando a época da moda europeia exigia uma viagem de Nova York ao velho continente. Os convidados - uma mistura de clientes e sociedade- eram transportados de Roma para Florença para serem recebidos com vinhos e jantares de luxo, enquanto mergulhavam na grandiosidade moda italiana.

Foi em 1958 que a *Camera Nazionale della Moda Italiana* foi fundada, e os desfiles passaram das ruas ventosas de Florença para Milão, coração do comércio.

Novo modelo



Hubert Givenchy com Audrey Hepburn
Foto: Alamy

Em 1952, Hubert de Givenchy mostrou sua primeira coleção. A relação de Givenchy com Audrey Hepburn, que vestiu para os seus papéis em *Sabrina* e *Breakfast at Tiffany's*, foi uma das primeiras grandes parcerias com celebridades no mundo da moda.



Uma visão geral do salão de moda de Paris do estilista Givenchy num desfile que promove os seus mais recentes designs em 1970.

Foto: Popperfoto/Getty Images

Na década de 1960, os desfiles de moda permaneceram fechados rodeados de algum secretismo. No seu livro *Catwalking*, o fotógrafo Chris Moore recorda: “naquela altura, pensavam que éramos espões”.

Em 1956, a pioneira designer Gaby Aghion, que fundou Chloé, convidou a imprensa para o *Café de Flore* em St Germain para verem a sua primeira coleção. Foi uma apresentação informal que levou as modelos para um espaço do cotidiano, longe do ambiente controlado do salão da designer.



Yves Saint-Laurent com Maison Dior depois do primeiro desfile em Paris, 1962.



O costureiro francês Pierre Cardin e uma modelo mostram um chapéu extravagante à sua amiga, a atriz Jeanne Moreau, à direita, em 1963.

Foto: Bettmann/Bettmann Archive



A bailarina Zizi Jeanmaire congratula o designer Yves Saint Laurent após seu desfile de outono/inverno de 1963/1964.

Foto: Keystone-France/Gamma-Keystone via Getty Images

Embora a alta costura tenha dominado, em 1960, um grupo de costureiros, incluindo Carven e Nina Ricci, começaram a exibir as suas coleções de pret-a-porter (pronto-a-vestir) duas semanas antes das coleções de alta costura. Em 1966, Yves Saint Laurent lançou pret-a-porter na sua loja Rive Gauche.



O vestido Mondrian de Yves Saint Laurent em 1968.
Foto: Sipa Press/REX/Shutterstock



Desfile de moda Paco Rabanne em Paris, 1968
Foto: Sipa Press/REX/Shutterstock

Ao longo da década de 1960, a revolução sexual também transformou a indústria da moda. André Courreges reduziu o comprimento das saias em 1965 e uma nova onda de designers, incluindo Pierre Cardin e Paco Rabanne, projetavam-se para um público mais jovem.

Início do desfile moderno



Jerry Hall veste moda feminina pronta a usar, concebida pelo designer japonês Kenzo Takada em 1977.
Foto: Pierre Vauthey/Syigma via Getty Images

Na década de 1970, o pronto-a-vestir ganhou preponderância em relação à alta costura, e a passerelle passou a ser o novo meio de divulgação de coleções de designers. Em Paris, tantos designers exibiam suas coleções duas vezes por ano que, em 1973, o Chambre Syndicale du Prêt-à-Porter des Couturiers et des Créateurs de Mode foi fundado para coordenar os eventos. Assim surgiu da semana de moda de Paris.



Um conjunto da coleção Primavera de Karl Lagerfeld de 1974 para Chloé.
Foto: Gr/Penske Media/REX/Shutterstock



Vestido estampado com guarda-chuva da coleção Primavera 1974 de Karl Lagerfeld para Chloé.
Foto: Gr/Penske Media/REX/Shutterstock

As principais atrações da semana de moda de Paris incluíam a designer japonesa Kenzo, Sonia Rykiel e Chloé (concebido por Karl Lagerfeld) com modelos incluindo Pat Cleveland e Jerry Hall.

Renascimento da Europa



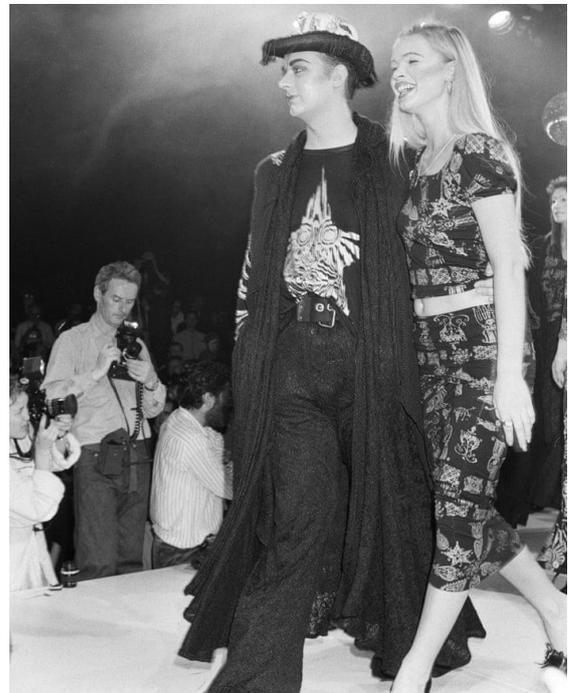
Vivienne Westwood / desfile de moda mundial no Olympia, Londres, 23 de outubro de 1981.
Foto: UniversalImagesGroup/ UIG via Getty Images

Durante o início dos anos 80, Londres ficou conhecida como a capital da criatividade. Vivienne Westwood entrou em cena com uma mistura de roupas históricas, sexo e anarquia e um conjunto de seguidores que eram tão fanáticos por música quanto moda. Os desfiles de Westwood eram irreverentes, rudes e nada se relacionavam com as grandes tradições do desfile de moda.



Vivienne Westwood / Desfile de Moda do Mundo no Olympia, Londres em 1981

Foto: UniversalImagesGroup/ UIG via Getty Images



Cantor de *Culture Club* Boy George desfila na passerelle no Bodymap Fashion Show no Duke of York em Chelsea, 1985.

Foto: Alamy Stock Photo

Em 1984, deu-se a primeira edição da semana de moda de Londres.

Um ano após a fundação do British Fashion Council, em 1983, o British Designer Show e o London Designer Collections, que organizavam desfiles desde 1975, juntaram-se sob o mesmo teto. Os desfiles aconteceram numa tenda no estacionamento do Instituto Commonwealth.

Londres era a cidade para a imprensa e para quem procurava a próxima grande coisa. Outros designers que desempenharam um papel muito importante e reinventaram o conceito de passerelle incluíram BodyMap, que se especializava no elenco diversificado de idade, tamanho, cor e gênero. O New York Times descreveu sucintamente a atmosfera de um show do BodyMap nos anos 80 como "tão bizarro como qualquer vídeo de uma estrela do rock".



Desfile de moda da primavera de 1992 de Thierry Mugler RTW.
Foto: Guy Marineau/Condé Nast via Getty Images



Desfile de moda da primavera de 1992 de Thierry Mugler RTW.
Foto: Guy Marineau/Condé Nast via Getty Images

Em Paris, Thierry Mugler, Claude Montana e Jean Paul Gaultier exibiam as suas peças em conjunto com os revolucionários designers japoneses, Comme des Garçons, Yohji Yamamoto e Issey Miyake, e as antigas lojas francesas, Dior, Chanel e Givenchy.

Se Londres era o lugar para descobrir novos talentos, os anos 80 e 90 cimentaram Paris como capital da moda. Em abril de 1981, Rei Kawakubo e Yohji Yamamoto chegaram de Tóquio com o primeiro desfile. Realizados no Intercontinental Hotel de Paris, Comme des Garçons e Yamamoto trouxeram uma nova atitude assexuada e mais despreocupada em relação à moda, contrastando com o domínio do poder de vestir de alto brilho.

Ao mesmo tempo, a cultura em Nova York foi agitada em meados da década de 1980, quando Stephen Sprouse mostrou ousadaia em fábricas e rooftops lotados para uma multidão que reunia a moda / música / arte. Visitantes assíduos incluíam o artista Keith Haring e Debbie Harry, de Blondie.

A era das supermodelos e da profissionalização



Gianni Versace num desfile em 1991 em Los Angeles.

Foto: George Rose/Getty Images

Nos anos 90, a atenção passou dos desfiles e dos designers para os modelos, com as supermodelos a ganharem cada vez mais destaque. O desfile de outono / inverno de 1991 da Versace foi o auge, com Linda, Cindy, Christy e Naomi a cantarem *Freedom* de George Michael no final; este momento foi revivido por Donatella Versace, em homenagem ao seu irmão, no desfile de primavera / verão 2018.



Kate Moss desfila com as tendências de outono / inverno de 1995 da Gucci, criado por Tom Ford.
Foto: Guy Marineau/Conde Nast via Getty Images



Helen Christensen na passarele com Gucci outono / inverno 1995.
Foto: Guy Marineau/Conde Nast via Getty Images

A Gucci, de Tom Ford, apostou num novo estilo de desfile controlado, que representava sexo, status e glamour. O desfile outono / inverno de 1995 usou iluminação como nunca antes visto, um único holofote seguia a modelo ao longo da passerelle, concentrando a atenção no brilho do veludo de Amber Valletta, na sensualidade da blusa de seda de Kate Moss e - mais importante – nas malas "It" que se tornaram também em estrelas da passerelle.

Localização, localização, localização



Modelos da coleção Louis Vuitton 'Cruise' 2017 no Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Brasil.
Foto: Christophe Simon/AFP/Getty Images

A marca de um estilista ousado era a capacidade de atrair público para ver uma coleção num local mais obscuro e fora do caminho. Em 1989, o designer belga Martin Margiela foi um dos primeiros a ignorar completamente as diretrizes dos desfiles de moda (em grande parte realizados numa tenda no pátio do Museu do Louvre até se mudaram em 1993 para teatros de passerelles construídos no Carrousel du Louvre), quando assumiu um parque infantil degradado nos arredores de Paris como cenário. Não havia lugares sentados, os moradores, juntamente com os seus filhos, foram convidados a assistir. As modelos caminhavam como no seu dia a dia. O mote estava dado para uma abordagem menos hierárquica e mais democrática.



Alexander McQueen e uma modelo nos bastidores em 1996.
Foto: ichard Mildenhall/REX/Shutterstock

Nenhum designer compreendia e explorava melhor a atmosfera de um local do que Alexander McQueen.

Em 1996, o desfile de Alexander McQueen em Dante foi realizado em Christchurch, em Spitalfields, um momento que ditou que os desfiles de moda passaram a ter tanta importância pela sua localização, atmosfera e o ambiente como pelas roupas.



Desfile de alta costura de Galliano para a Dior na Opera Garnier em Paris, 1998.
Foto: Miquel Benitez/REX/Shutterstock

O cenário também era de extrema importância para John Galiano, principalmente depois de se mudar para Paris em 1993. O seu primeiro desfile foi facilitado por Sao Schlumberger, que lhe cedeu o espaço para a sua linha com inspiração japonesa. Cinco anos depois, na sua estreia na alta costura para a Dior na primavera de 1998, desfilou na Ópera Garnier em Paris para o um desfile de moda único. Joan Juliet Buck, então editora-chefe da Vogue francesa, apelidou-o de "um excesso de beleza". Foi um dos desfiles mais luxuosos de todos os tempos, uma declaração séria de autoconhecimento de uma das casas mais poderosas da moda.



Os modelos com criações da coleção outono / inverno 2000 do designer Hussein Chalayan, onde uma mesa se transformou em saia
Foto: Peter Jordan/PA

Da internet ao Instagram



O desfile Plato's Atlantis de Alexander McQueen em 2010 foi o primeiro a ser transmitido ao vivo
Foto: he Washington Post/Getty Images

A tecnologia teve o maior impacto na evolução dos desfiles, embora, por vezes, a indústria conservadora tenha sido arrastada para a era digital. Em 1998, o designer austríaco Helmut Lang foi um dos primeiros a recorrer à Internet e apresentou a coleção de outono / inverno online.

"Na altura senti que a internet se tornaria algo muito maior do que se falava, então julguei que era o momento certo para desafiar o normal", disse Lang.

Em 2010, Alexander McQueen foi o primeiro designer a transmitir ao vivo um desfile, Plato's Atlantis. No ano seguinte, os estilistas da semana de moda de Nova York seguiram o mesmo exemplo. Agora é possível assistir à maioria dos desfiles em tempo real, em *livestream* ou pelo Instagram.



Desfile da Tommy Hilfiger no Pier a 19 de setembro de 2016.
Foto: Estrop/Getty Images

Com as redes sociais, os desfiles de moda tornaram-se espaços mais democráticos.

Alguns designers também procuram atrair público na vida real: em 2015, Riccardo Tisci usou um sorteio para convidar membros do público para o seu desfile na Givenchy. Para o outono / inverno de 2016, Tommy Hilfiger abriu o desfile no Tommy Pier Fairground para cerca de 1.000 visitantes gratuitamente.

Também pode comprar parte da coleção no local parte da estratégia "veja agora, compre agora", projetada para alavancar a publicidade nas vendas durante o desfile. Este foi o formato que a Burberry usou em setembro de 2016, transformando assim os desfiles em exposições abertas ao público. É um modelo que a Mulberry está a adotar para sua apresentação no AW18, quando se apodera da Spencer House .

Moda Insta(ntânea)



Desfile de moda da Chanel, em Havana, 2016.
Foto: Adalberto Roque/AFP/Getty Images

Com a revolução tecnológica, o Instagram tornou-se a plataforma que a indústria da moda mais depende. Daí o fenômeno de férias de três dias em resorts, onde os designers levam o público com tudo pago numa viagem única. A Dior promoveu um desfile em 2018 num resort californiano de Calabasas. A Chanel levou o público internacional para Havana, Salzburgo, Edimburgo e Los Angeles. A Louis Vuitton viajou para Tóquio para um cruzeiro em 2018 e para o Rio no ano anterior. Estas viagens são projetadas para serem frenéticas no Instagram. As roupas são quase secundárias.



Telemóveis durante o desfile do designer britânico John Galliano. Primavera / Verão 2018.
Foto: Gonzalo Fuentes/Reuters

Seja o tamanho do cabelo ou a atenção aos detalhes, tudo é publicado no Instagram, os desfiles têm de ser fabulosos nas redes sociais.

O mundo da moda pode-se ter tornado num espaço comercial, mas não deixa de ser menos extravagante por isso. Com a transmissão em direto (e inúmeras oportunidades para o Instagram, a obsessão pelas redes sociais), o filtro é muito maior - agora é possível para qualquer um ver os desfiles em direto. Mas, apesar de tudo isto, não é um substituto válido para não marcar presença. Um desfile de moda é uma experiência multissensorial.



Carla Bruni, Claudia Schiffer, Naomi Campbell, Cindy Crawford, Helena Christensen e Donatella Versace na passerelle no desfile da Versace durante a Milan Fashion Week Primavera / Verão 2018.

Foto: Jacopo Raule/Getty Images

A primeira fila



Brooklyn Beckham, Cruz Beckham, Victoria Beckham, Romeo Beckham, Harper Beckham, David Beckham, editor-chefe da Vogue americana Anna Wintour e Julia Gordon participam do evento Burberry "London in Los Angeles" no Observatório Griffith a 16 de abril de 2015 em Los Angeles.

Foto: Jeff Vespa/Getty Images for Burberry

A primeira fila - ou *Frow*, como é abreviada – tem a sua própria identidade. Nos primeiros desfiles, os convidados sentavam-se em grupos à volta das mesas, para verem as criações de perto. À medida que a indústria cresceu, o número de convites aumentou, levando à implementação de bancos práticos em filas organizadas, assim, formou-se uma hierarquia de lugares.

Geralmente a organização é de senso comum: os principais editores de revistas e jornais, que podem relatar e promover as coleções, têm lugar junto com os principais compradores de lojas e butiques on-line, que fazem reservas após o desfile. Nos últimos anos, a ascensão da internet e das redes sociais fez com que bloggers e influenciadores também garantissem um lugar na *Frow*, assim como celebridades, amigos famosos dos designers e membros da família de alto perfil.



Primeira fila da Burberry em 2018: Edward Enninful, Naomi Campbell e Kate Moss.

Foto: Richard Young/REX/Shutterstock

Inegavelmente, o arranjo dos lugares é uma questão de status. Por exemplo, nos desfiles de alta costura, sabe-se que os clientes exigem um lugar na primeira fila o mais próximo possível da passerelle, para que possam ser os primeiros a ir os bastidores pós desfile e obter os primeiros detalhes em uma peça específica.

Sabe-se que alguns designers acabaram com a FROW, como quando a Chanel criou um bairro parisiense para o seu show *Metiers D'Art* em 2015 e sentou participantes em mesas de café de ferro forjado ou quando o *The Row* fez os espectadores ficarem em pé num rooftop de Nova York para apresentar sua coleção AW18.

No entanto, não há nada como a primeira fila.